

## ***Do Outro Lado do Atlântico***

Por André Arruda

**“... Dos dois lados do Atlântico, são contadas histórias de partidas, permanências e regressos, encontros e desencontros de ideias, espaços, desejos e sonhos”.**

É assim que o documentário “Do Outro Lado do Atlântico” se apresenta textualmente na programação do FIDÉ (Festival Internacional do Documentário Estudantil), o que por si só resume bem o espírito e abordagem deste longa documental que, dirigido por Márcio Câmara e Daniele Ellery, consegue se debruçar sobre questões culturais, sociais, políticas e econômicas ao abordar a imigração estudantil do continente africano para o Brasil (principalmente Cabo Verde) e os ecos das experiências daqueles que construíram sua vida aqui ou que voltaram.

Articulado em quase todos os seus 90 minutos de duração a partir de entrevistas de personagens eloquentes (sempre no formato de *talking head*), o documentário consegue criar um belo mosaico estudantil justamente selecionando estudantes africanos que frequentaram universidades brasileiras. Dessa forma, o projeto construído pelos estudantes da UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira) consegue soar didático em suas problemáticas e bem decidido em sua estruturação.

Ainda assim, mesmo que com uma narrativa sólida e que salta de entrevista a entrevista de forma bem amarrada, o filme sofre um pouco em questão de ritmo. O motivo é uma decisão simples dos realizadores, que constroem sua abordagem mais a partir da variedade de entrevistados que se une a partir da temática, do que se foca numa única figura protagonista (ou num grupo mais delimitado). Isto gera um caráter episódico inerente à narrativa, já que a cada poucos minutos um novo rosto surge, fazendo com que o exercício de empatia comece “do 0” a cada sujeito novo que vemos na tela – e o fato de que raramente as personagens se repetem só deixa ainda mais “isolado” cada bloco de entrevista.

Mas isto é uma decisão que, embora tenha o efeito colateral citado acima, se mostra como um acerto na maior parte do tempo, já que possibilita contrastarmos cada uma daquelas histórias e percepções diferentes sobre uma experiência que poderia, erroneamente, ser resumida e generalizada. Assim, o filme se torna rico justamente pelas vozes heterogêneas que falam sobre o mesmo tema (seja amizade ou racismo, por exemplo), além de momentos incríveis no qual a “Cachupa” (prato típico de Cabo Verde) não só é citado como sua receita é demonstrada e discutida.

Este talvez seja o elemento que resume tão bem a abordagem do documentário, que se foca nessas questões culturais como música, culinária e relacionamentos do dia-a-dia (até mesmo casamentos) para expandir não só as narrações de seus entrevistados, como também tocar temas mais delicados.

Contando ainda com uma “mudança de perspectiva” no terceiro ato na qual ficamos mais “do outro lado do Atlântico” do que no restante da narrativa, este documentário pode até ter seus problemas de ritmo por conta das decisões de seus realizadores, mas

estas também são decisões que tornam a proposta de abordar os “encontros e desencontros de ideias” tão possível quanto rica.